

PADRE SEBASTIÃO VIEIRA, SOB A PALMA DO MARTÍRIO. A COMPANHIA DE JESUS NO JAPÃO

HELENA COSTA TOIPA

RESUMO

O Padre jesuíta Sebastião Vieira desenvolveu intensa actividade de missionário no Oriente, principalmente no Japão, entre 1602 e 1634, e ali morreu como mártir. As circunstâncias da sua última incursão no Japão, onde as práticas cristãs estavam proibidas desde o édito de Hideyoshi, de 1587, descreve-as ele num relato enviado aos superiores da Companhia de Jesus, no qual se reconhece o seu espírito de missão: reconhecimento da necessidade de sobreviver para cumprir a sua tarefa apesar do desejo de morrer pela causa.

ABSTRACT

The Jesuit priest Sebastião Vieira developed intense activity as a missionary in Asia, mostly in Japan, between 1602 and 1634, where he died as a martyr. The circumstances of his last incursion to Japan, where Christianity was forbidden since Hideyoshi's edict, at 1587, are described by himself on a report sent to his superiors, where his missionary spirit is recognized. Though he knows he needs to survive, to accomplish his task, he desires to die for his faith.

Vida e obra

O Padre Sebastião Vieira, jesuíta que foi missionário do Padroado Português do Japão, nasceu em Castro Daire, do Bispado de Lamego, a 20 de Janeiro de 1572, filho de André Vieira e de Filipa Lopes. A 3 de Fevereiro de 1591 ingressou na Companhia de Jesus, completando os seus estudos no Colégio de Évora, após o que, em 1602, partiu para a Índia Oriental, na companhia de 58 outros missionários.

Foi mestre de Noviços e procurador da Província de Macau, durante três anos, e missionou nas Filipinas e no Japão, onde viveu até ser expulso, juntamente com outros missionários, em 1614. Voltou a entrar no Japão clandestinamente, para continuar a sua actividade.

Em 1623, foi eleito para ir a Roma como procurador da Província Japonesa; chegou em 1627 e foi acolhido da melhor forma pelo papa Urbano VIII, que lhe recomendou que regressasse ao Japão e continuasse a sua actividade.

Em 1629, voltou ao Oriente, partindo de Lisboa, levando consigo 23 jesuítas de várias nacionalidades.

Em 1632, entrou de novo no Japão, disfarçado, com o cargo de vice-provincial. Em 1633, foi descoberto e preso em Osaka, juntamente com outros missionários; permaneceu na prisão de Nagasáqui, até ser levado à presença do *xogum* nipónico; este convidou-o, primeiro, a abdicar da sua fé, prometendo que o libertaria se isso acontecesse. O padre recusou, reafirmou a sua intenção de continuar a sua acção de missão e ainda redigiu um texto de doutrina cristã para o dirigente japonês. Em vão, pois este condenou-o à morte por suplício: suspenso pelos pés, de modo a que a cabeça ficasse numa cova, assim permaneceu durante três dias, até que morreu sufocado com o fumo da fogueira ateadada pelos seus carrascos¹.

O martírio ocorreu em 1634, em Yendo. Tinha 62 anos, 43 dos quais dedicados à religião.

Obra:

- *Annuae Litterae ex Iaponia 16 Martii 1613.*
- *Relação da viagem que fez de Macau a Manila e de Manila ao Japão, escrita no Japão a 18 de Fevereiro de 1633.*
- *Três cartas escritas do cárcere de Yendo a 7 de Abril de 1634.*
- *Compendio da Fé Catholica escrito em língua japonesa, estando preso no cárcere, a mandado do Imperador.*²

¹ A sua morte é assim descrita por António Franco:

“Por tanto, posto em hum jumento levando huma bandeirinha, em que estava escrita a cauza da sua morte, que era por ser pregador da fé de Christo, foi levado ao lugar do suplício. Tinha elle antes dito, que avia de morrer com fogo. Puzerão dependurado no cruel tormento das covas, com outros cinco Japões, com quem fora prezo na embarcação, aos quais admitira na Companhia. Tres dias esteve vivo no tormento, eram já mortos seus ditosos companheiros. Entam os algozes trazendo fogo o lançaram na cova do Padre Sebastiam Vieyra, e deste modo cumprindose a profecia, acabou esta vida mortal aos seis de Junho de mil seiscentos e trinta, e quatro na cidade, e corte de Japam chamada Yendo. O corpo foi queimado, e as cinzas lançadas ao mar, përa que as não pudessem recolher os Christãos. Sua glorioza morte se autenticou em ordem a sua canonização.” (Franco, 1719: 190)

Os Jesuítas no Japão

A presença portuguesa no Japão data dos últimos anos do reinado de D. João III (1521-1557). Após a chegada dos navegadores e comerciantes portugueses, segue-se um processo de missionação, que tem como protagonistas os padres jesuítas, entre os quais avulta S. Francisco Xavier, que desembarcou pela primeira vez em território nipónico, em Kagoshima, em 1549. Os relatos destes missionários, enviados para a Europa, em cartas regulares dirigidas a Inácio de Loiola ou a outros dirigentes da Companhia, e depois publicados, davam conta do progresso das conversões dos japoneses ao Cristianismo.

O primeiro centro de missionação foi em Yamagushi, onde os jesuítas começaram por ter autorização para divulgar a sua religião. Noutros pontos do arquipélago os missionários jesuítas eram também bem recebidos, principalmente quando os dirigentes locais se apercebiam que a presença destes atraía os comerciantes aos seus portos.

Os membros da Companhia de Jesus, por sua vez, cedo perceberam que, para converter o Japão tinham de converter os senhores feudais, os dirigentes; por isso, direccionaram a sua actividade para estes, para suscitar a conversão dos elementos da mais

²As circunstâncias da redacção deste texto descreve-as ela numa carta dirigida a Vicente Tavares, estando já preso em Yendo.

“Foi ella, que eu era de sessenta, e tres annos, e nelles tinha recebido milhares de mercês do Senhor do Ceo, e da terra, e do Xogum grilhões, tormentos e trancos, sendo hum homem mortal, como eu , e que pella fe, que pregava, me atormentasse como quizesse, e tirasse a própria vida, que com grande vontade a deixaria pella verdade da fe, que sempre confessaria com constância Christã, por mais que me dessem a sua Tenca, e me dessem todos os tormentos, que avia nella. E se quizessem ouvir as causas desta resposta, me dessem aparelho, e por escrito as daria, responderam ao mais, escreveram tudo, dizendo, que a resposta convencia, e que não avia causa, de me porem a tormentos sem nova ordem do Xogum, a quem davam a minha resposta.

9 Passados dous dias, me trouxeram tinteiro, papel, e pena, e que brevemente, e logo escrevesse, o que tinha, que dizer. Em menos de quatorze horas lhe fis hum arzeado dos mysterios da nossa sancta fe começando da criação do mundo ate o fim delle, e juízo final tudo em língua, e letra de Japam, e porque também me mandaram, a escrevesse em nossa letra, o fiz, e tudo logo lhe mandei, que se entregou ao Xogum, que mostrou algum temor de nós, se nos mandasse matar, porque nos vingariámos delle. E que maior triumpho pode ter nossa sancta fe, que temerem os tiranos aos pobrezinhos, que a inculcam, e pregam?” (Franco, 1719: 189)

elevada hierarquia social, e então levar a conversões em massa das populações.

Muitos senhores feudais japoneses apoiavam os religiosos e destacou-se, dentre eles, pelo seu poder e ajuda, Otomo Yoshishige, senhor de Bungo, que manteve correspondência com a Coroa portuguesa, nomeadamente, sob a regência de D. Catarina e o reinado de D. Sebastião, e que acabou por receber o baptismo em 1578. Outros chefes nipónicos se converteram também ao cristianismo, por acção dos religiosos da Companhia de Jesus, nomeadamente o dáimio Omura Sumitada, senhor feudal de grande influência na sua região, que, por acção do superior da Missão jesuítica no Japão, Cosme de Torres, recebeu o baptismo em 1563. Esta conversão abre mais as portas à missão evangelizadora do Japão:

O Cristianismo deixa de ser apenas a “religião dos pobres e dos doentes” e pela primeira vez consegue penetrar na classe dirigente do Império nipónico. (...) as primeiras conversões de nobres japoneses, quer em Quioto quer em Kyushu, influenciarão a partir deste momento a história da cristandade japonesa, os rumos da evangelização e a presença portuguesa em geral, no País do Sol Nascente. (Santos, 1993: 52)

Graças ao bom acolhimento dos nipónicos, a actividade de mercadores portugueses e religiosos foi muito intensa no Japão³. A Coroa tomou medidas para mostrar o seu interesse em preservar as boas relações entre portugueses e japoneses, tomando algumas medidas que combatiam alguns procedimentos incorrectos dos comerciantes; havia a noção de que o progresso do comércio facilitaria a propagação do cristianismo, o que aumentaria a influência portuguesa na região. Os resultados eram visíveis: em 1570 havia já 30000 convertidos e o Japão tornara-se uma das áreas mais prestigiadas entre os portugueses.

³Nos primeiros dez anos de missão jesuítica no Japão, os padres andaram relativamente dissociados dos comerciantes; os seus caminhos eram diferentes, se bem que, quando coincidiam, os bons resultados eram visíveis; os missionários eram bem recebidos nos locais onde aportavam os comerciantes. Daí o facto de a instalação e actuação dos jesuítas em Quioto, onde não havia contrapartidas comerciais, onde não havia a possibilidade de negócios lucrativos com os mercadores estrangeiros, se ter revelado tão difícil. Cedo reconheceram, pois, a necessidade de se fixarem em locais onde os comerciantes desenvolvessem a sua actividade. Por isso se revela tão importante a conversão do senhor de Omura, que possuía um território geograficamente bem localizado e ofereceu aos missionários o porto de Yokoseura, onde os comerciantes podiam aportar para realizarem as suas transacções naqueles domínios. (Santos, 1993: 55)

Além do papel no comércio e na divulgação do Cristianismo, os Portugueses tiveram também uma outra intervenção decisiva na vida do Japão:

De fora ficava o terceiro elemento em que assentava o relacionamento entre Portugueses e Japoneses – o enriquecimento da cultura local, até então fechada sobre si própria (...); as cartas dos jesuítas relatavam o espanto com que os nativos se apercebiam das verdadeiras dimensões do Planeta, ou como constataavam a existência de outras raças humanas, como a negra, outros sistemas de escrita além do chinês, ou objectos tão diversos como espingardas, cristais, botões, óculos ou telescópios (...)
(...) Os Portugueses contribuíram significativamente para a modernização do país, mas nunca tiveram consciência plena desse papel. Compreende-se, assim, que não fosse particularmente importante para a Coroa a evolução deste processo, e que esta se preocupasse apenas com o sucesso do comércio e da cristianização. (Oliveira e Costa, 1993: 28)

Durante o reinado de D. Henrique aprofundou-se o entendimento das autoridades civis e eclesiásticas portuguesas sobre a necessidade de defender o monopólio dos jesuítas no Japão, cuja acção se revestia de características inovadoras, como a admissão de nativos no seio da Companhia, e cujo papel se traduzira no êxito da cristianização, com perto já de 100 000 convertidos.

Com a dinastia filipina, o sistema comercial português montado na segunda metade do século XVI sofreu um rude golpe, uma vez que Portugal se viu envolvido em todos os conflitos em que Espanha estava envolvida. No entanto, Filipe II, em cujo reinado as relações luso-nipónicas atingiram o seu auge, tentou preservar os interesses portugueses no Oriente, exigindo que os mercadores castelhanos respeitassem as áreas de influência portuguesa e espanhola demarcadas, e apoiou a missão jesuítica no Japão; neste sentido, foi com o seu aval que a Santa Sé, em 1585, decretou consagrar o exclusivo da Companhia na evangelização do arquipélago; foi também com o seu patrocínio que se criou a primeira diocese japonesa que foi entregue a religiosos jesuítas.

Apesar da oposição do rei, no entanto, mercadores da área de influência espanhola e religiosos de ordens mendicantes (os franciscanos) procuraram também usar o Japão como palco das suas actuações e, quanto aos franciscanos, o seu trabalho desenvolveu-se pela primeira vez entre 1593 e 1597. Um clima de grande tensão marcou sempre as relações entre jesuítas e frades das ordens mendicantes, no Japão, acusando-se e recriminando-se mutuamente pelo deteriorar das relações com o poder central nipónico a partir desse período.

No designado “Século Cristão” ou “Século Português” no Japão (1543-1640) o ano de 1582 corresponde ao apogeu das relações entre portugueses e japoneses, por via dos jesuítas e dos comerciantes. Depreende-se, no entanto, da leitura das cartas enviadas regular e institucionalmente da China e do Japão, pelos padres, para os superiores hierárquicos da Companhia, que essas relações, ainda que cheias de sucessos no progresso das conversões e da boa aceitação do cristianismo, pelos senhores locais, são já ensombradas por alguma apreensão quanto ao futuro da missão (Monteiro, 1993: 58).

Quanto ao sucesso dos esforços dos missionários, os números falam por si: em 1582, contam-se 150 000 fiéis, tinham sido construídas 200 igrejas e três seminários. Existiam cerca de 74 religiosos, com dezenas de auxiliares, seminaristas e catequistas, o que implica a aceitação de clero nativo, o que traduz uma prática particular de integração assumida pela Missão do Japão, mas também a carência de padres que se encarregassem da evangelização, sendo os existentes manifestamente insuficientes.

Nos reinados seguintes da dinastia filipina, as preocupações dos monarcas centraram-se noutros problemas cruciais e aproveitando o desinteresse dos reis pelos interesses de Portugal no Japão, os religiosos e os comerciantes que actuavam nas regiões de influência espanhola, nomeadamente nas Filipinas, instalaram-se no território japonês, no início do século XVII. Foi ignorado o decreto papal de 1585, e a Santa Sé acabou por pôr fim ao monopólio dos jesuítas no território, com o aval dos reis espanhóis que deixaram de apoiar a exclusividade da Companhia no Japão.

Em 1587, no entanto, a situação torna-se hostil para os religiosos depois da publicação do édito anti-cristão de Hideyoshi⁴ de 25 de

⁴Toyotomi Hideyoshi foi o responsável pela conclusão do processo de unificação política do território japonês, iniciado por Oda Nobunaga que, apesar de nunca se ter convertido ao cristianismo, manteve com a Missão jesuítica do Japão um relacionamento, na década de 1570/1580, favorável a ambas as partes: o cristianismo aprofundou a sua presença no Japão e Nobunaga via os seus esforços de centralização do poder facilitados “ pelas novas relações que ligavam os cristãos e que permitiam à Companhia ser um instrumento de controlo de parte da sociedade.” (Monteiro, 1993: 62). Após concluído o processo de centralização, o relacionamento entre portugueses (religiosos e comerciantes) e Hideyoshi, apesar de a princípio parecer não oferecer motivos de preocupação para os primeiros, acabou por alterar-se significativamente.

“Embora à primeira vista a atitude de Hideyoshi possa parecer arbitrária e inesperada, o que é certo é que a viabilidade do seu projecto político só estaria garantida após a eliminação de todas as forças centrífugas. Do ponto de vista do kanpaku, a Igreja cristã ameaçava a unidade do Estado que ele acabava de

Julho, expulsando os missionários e proibindo o culto cristão. Apesar de as notícias vindas do Oriente revelarem alguma flexibilidade e abertura por parte das novas autoridades japonesas (calcula-se que, em 1596, existissem no Japão 300000 cristãos, 60000 dos quais já batizados depois do édito de 1587), o certo é que, a 5 de Fevereiro de 1597, ocorreu o primeiro grande martírio de religiosos cristãos, em Nagasáqui. Desconfiado quanto aos verdadeiros propósitos dos missionários no Japão e convencido pelas informações prestadas por um piloto espanhol de um navio naufragado naquelas paragens de que os missionários preparavam o terreno para uma futura conquista militar, Hideyoshi mandou prender e crucificar 26 cristãos, seis frades franciscanos, dezassete cristãos japoneses e três jesuítas japoneses. No mês seguinte foi promulgado novo édito de expulsão.

O primeiro martírio de Nagasáqui deu-se numa altura em que a posição portuguesa no arquipélago nipónico atravessava uma mudança estrutural. Podemos dizer que o contexto em que se insere este acontecimento inicia um período de viragem no “século cristão” sob o Sol Nascente: de um lado, fica a memória do apogeu das relações luso-nipónicas; do outro, a ruptura definitiva com o cristianismo e com os Portugueses. (Castelo, 1993: 65)

Deterioraram-se ainda mais as relações com o poder central nipónico e crescia a hostilidade deste para com os cristãos, o que culminou com a expulsão decisiva dos missionários em 1614 e a dos comerciantes residentes em Nagasáqui em 1623. A partir desta data agudiza-se o conflito entre as autoridades japonesas e os portugueses, que culminará com o corte definitivo das relações entre ambos, em 1639. Foi proibida a presença dos mercadores portugueses fora das épocas comerciais e as suas dificuldades agravaram-se com a entrada em cena de novos parceiros comerciais, como a China, a Holanda e a Inglaterra, acabando com a hegemonia ibérica vigente durante mais de um século. Em termos religiosos, as perseguições continuavam e levaram a uma quebra acentuada no número de missionário, expulsos do território.

restaurar. Os ensinamentos dos missionários contrariavam hábitos ancestrais do povo japonês, nomeadamente algumas normas de conduta dos guerreiros, e a sua influência sobre os convertidos era demasiado forte. O novo poder central tinha razões para se preocupar, uma vez que o cristianismo punha em causa certos princípios reguladores da sociedade nipónica, em especial o da total obediência dos subalternos para com os seus superiores.” (Castelo, 1993: 65)

Apesar disso, no entanto, chegam ao território nipónico duas novas ordens religiosas, os dominicanos e os agostinhos, entre 1602 e 1603; as divergências que surgiram entre os missionários (jesuítas, franciscanos, e, agora, dominicanos e agostinhos), no entanto, prejudicam a sua actuação no território, pois davam uma ideia de discórdia e desunião; eram motivadas quer pela diferença no modo de entender a missão, nos métodos adoptados, quer pela questão da liderança dos missionários no Japão, não aceitando os outros religiosos a preponderância dos jesuítas, tanto mais porque ligados ao Padroado português no Oriente. Alguns religiosos, no entanto, apesar das expulsões, conseguiam permanecer ou introduzir-se clandestinamente no Japão e continuavam a desempenhar o seu ofício de modo que, segundo informações veiculadas pelas cartas que os padres enviavam regularmente para os seus superiores, entre 1614 e 1625 foram baptizados entre 18 000 e 25 000 adultos (Leitão, 1993: 76). Entravam no Japão disfarçados de mercadores: os jesuítas disfarçavam-se de mercadores portugueses e eram levados por estes através de Macau; as outras ordens disfarçavam-se de mercadores espanhóis e eram levados pela rota das Filipinas, domínio dos mercadores espanhóis.

A vida dos religiosos no Japão foi, neste período, muito incerta e cheia de privações; não era, no entanto, o conhecimento destas condições de vida que os impedia de procurar estas paragens. Pelo contrário, atraía-os a dificuldade que sabiam ir encontrar, pois assim consideravam levar uma vida que os identificava com Jesus Cristo e os primeiros cristãos.

Os mercadores portugueses resistiram no Japão por mais algum tempo, vendo a sua actividade constantemente fiscalizada, os seus barcos sempre revistados, à entrada dos portos, a sua presença fortemente condicionada exclusivamente a épocas comerciais (separando, assim, famílias luso-nipónicas). A expulsão definitiva dos comerciantes portugueses terá lugar em 1639.

O policiamento acentuou-se e tornou-se cada vez mais difícil para os religiosos entrar no Japão. Os que ali viviam, levavam uma vida muito difícil, de clandestinidade e em grande sobressalto: se apanhados, eram presos, torturados e executados. Os últimos jesuítas a entrar no Japão, entre 1642 e 1643, acabaram, quase todos, martirizados.

Assim se extinguiram as relações luso-nipónicas que só viriam a ser reatadas em 1860.

O relato de Sebastião Vieira

O relato de Sebastião Vieira, reproduzido em António Franco, *Imagem de virtude em o Noviciado da Companhia de Jesus no Real Colégio de Jesus de Coimbra*, Tomo I (vd. Bibl.), feito aos seus superiores hierárquicos, como era prática habitual dos padres jesuítas, narra a sua quarta e última incursão no Japão, em 1633, de onde já não voltará a sair. A dedicação com que se empenhava no seu sacerdócio, expressa-a ele claramente no júbilo que manifesta ao chegar ao Japão:

8 Pondo os pés em terra, me pus de joelhos dando graças ao Senhor, que nos livrara de tantos perigos, e trabalhos, e me trouxera a ella como lhe pedira, e dezejava. Prostrado em terra a bejei, e abracei, dizendo: *Haec requies mea, hic habitabo omnibus diebus uitae meae*. Com particular alegria, e consolação me offereci de novo ao Senhor pera a Cruz, pera o fogo, pera a catana, e pera todos os mais trabalhos, que me esperavam ao diante, reprezentandoseme todos, como se os vira com os olhos.

9 *Ecce tertio hoc uenio ad uos*: escrevia o Apostolo das gentes aos Christãos de Corinto, lembrome, que nesta ocasião podia dizer aos Japões: *Ecce quarto hoc iam uenio ad uos*. Por ser esta a quarta ves, que vim a Japam. Esta a que vim de mais longe, pois tornava de Roma. Esta a que vim com mais trabalhos, mayores perigos, e riscos de vida. Esta porque me vesti agora de trajos de Japam secular, e era a quarta ves, que nella os mudava. Nesta, em que entrei mais pobre, que nas outras, porque as mais das cousas, com que parti de Macao, por virtude do Governador de Manila, nella ficarão, e as outras ficavão em poder dos Chinas, que depois se fizeram Senhores dellas. Nesta, em que avia mais de dez annos, que nenhum nosso Europeo entrava em Japam; e sentindome com isto mais obrigado ao Senhor, me sentia entrar mui pobre de espírito, e mui longe daquele agigantado do Apostolo, para poder ajudar a estes Christãos, e Gentios, como dezejava. (Franco, 1719: 167-168)

Nesta passagem, bem como ao longo da sua narração, Sebastião Vieira reconhece os perigos da incursão clandestina no Japão e, não os temendo nem evitando, manifesta, pelo contrário, ânsia pelo martírio a que são sujeitos todos aqueles que são apanhados. Em alguns momentos lamenta mesmo não ter chegado a hora tão desejada e mostra quase inveja⁵ de todos aqueles que já o sofreram. Falando, por

⁵Sebastião Vieira não deixa de usar mesmo esta palavra:

“Prenderão os dous Christãos, e dando varios tormentos ao que sabia dos Frades, nunca delle tiraram mais, senão, sou Christão, sou Christão, e nisto perseverou com notavel constancia, sem lhe tirarem outra cousa, com que perderam as esperanças, de os averem, posto que há pouco ouvi, que foram prender dous delles a Ozaca, boas invejas lhe tenho, e terei, se for verdade.” (Franco, 1719: 171)

exemplo, de dois religiosos denunciados e presos, tem o seguinte desabafo:

15 Deu logo nas cazas, em que os Chinas apontarão, e achando nellas aos dous Religiozos, os teve prezos em hua camara de suas cazas, ate os mandar queimar vivos, como fes dentro de poucos dias, cousa extraordinária, porque o não costuma fazer, se não depois de largo tempo de prizão: mas o Senhor sabe, o porque quis em pouco mais de tres mezes, que os sobreditos Religiozos estriveram em Japam, darlhes a gloriosa coroa do martyrio, que não dá a muitos, que muitos annos com largos trabalhos o servirão nelle, donde se ve bem que *Non est uolentis, neque currentis, sed miserentis Dei*. (Franco, 1719: 169)

Mas quando chega a sua hora, isto é, depois de ser preso e de passar alguns dias no cárcere, respondendo a interrogatórios e escrevendo um texto em defesa da fé, recebe-a com alegria, guardando para o último transe o traje de festa, como refere nesta carta escrita a sete de Abril de 1634, dois meses antes de morrer:

Todos os prezos estam com grande animo pera padecerem todos os tormentos do mundo pella sanctissima fe, e creio, que cedo concluirão com nosco. Eu não sei já, quando há de ser esta hora, pera ella guardo a melhor das esquipaçõens brancas, que vossa merce me mandou, porque esse será o dia de minhas festas dar a vida, por quem a deu por mim, sendo a minha tão desigual à sua, mas não tenho outro maior sacrificio que fazer de mim, que este, depois de com tanta liberdade, e inteireza da palavras, e por escrito a pregar nesta corte ao Xogum, e aos seus Bunguios, que he pregala a todos, os que há nella, porque ate os meninos a sabem, e não a preguei encuberto, e escondido, mas com manteo, e loba passei as ruas de Yendo, conhecendome todos por Religiozo da Companhia de JESUS, como em tempos pacíficos eramos conhecidos e venerados. (Franco, 1719: 189)

Apesar de ansiosos por encontrar glória, no martírio que buscavam tão longe de suas casas e em regiões, nos últimos tempos, tão pouco hospitaleiras, é certo que os missionários não descuravam a sua missão e tentavam prolongá-la, no tempo, o mais possível. Daí que tudo fizessem para não serem capturados, a fim de poderem expandir a sua fé entre os japoneses e levar o maior número possível deles à conversão.

Por isso, regressando ao Japão em época tão conturbada, fez a viagem sob o signo da clandestinidade. Na primeira etapa, de Macau a Manila, que durou trinta e dois dias, viajou *disfarçado hum secular mal amanhado com espada e adaga na cinta*, se bem que, por vontade dos portugueses, que acorreram com os melhores trajes que tinham para ajudar no disfarce, *pudera representar nos trajos a figura de hum Capitão geral mui bem trajado* (Franco, 1719: 157).

PADRE SEBASTIÃO VIEIRA, SOB A PALMA DO MARTÍRIO.
A COMPANHIA DE JESUS NO JAPÃO

A segunda etapa da viagem, porém foi mais sobressaltada e perigosa. Fê-la num barco de chineses, a quem pagou a passagem, disfarçado logicamente de chinês, solução que lhe causou grande desgosto e comoção, mas que suportou com paciência jesuítica, encontrando conforto no exemplo de Deus e no facto de o disfarce ser apenas de marinheiro e não de mandarim:

(...) começaram aquelles (os chineses) a me degradar dos vestidos Portugueses , e me foram vestindo os seus, atte me fazerem China de todo, atte no cabello da cabeça, rede, e mais aprestos, porque tudo avia. Eu me não conhecia olhando pera mim, mil representaçoens interiores tive nesta hora. (...)

2 Se os olhos de todos eram os que mais obravam, porque os demais sentidos não tinham, em que se ocupar, nem o podiam fazer, ainda que quizessem, por estarem como fora de si, vendome assim China achamboado, fora do que nunca cuidei, mas por amor do Senhor, que sendo Deos, se disfarçou em nossa humanidade por amor de nos, bem pouco fazemos, em nos disfarçarmos em Chinas, em Japões, e quaisquer outros disfarces, por mais vis, e baixos que sejam; e estes representavam marinheiro, e não Mandarin. (Franco, 1719: 158)

Embarcara com a ideia de ser o único religioso a ter lugar naquele barco, uma vez que fizera esse contrato com os chineses. Desenganou-se, porém, ao quinto dia quando soube da presença de mais três religiosos a bordo. De alguns anos àquela parte, como referido *supra*, os religiosos de outras ordens procuravam também o Japão como palco da sua actuação, facto que desagradava aos jesuítas, que tinham sido os primeiros a ir para o terreno e que tinham métodos de actuação diferentes.

5 Como depois soube na viagem, por via de hum Religiozo, se soube entre os mais de Manila o intento, com que eu a ella chegava, e crescendolhe com isto os dezejos, não ficou convento, que logo não tratasse de mandar alguns dos seus a Japam, aproveitando-se da boa ocasião dos Chinas, que à conta da prata, se offereciam a os trazer, e da doença do Governador (...) E assim em vários navios se embarcaram dous de Sam Domingos, dous de S. Agostinho, dous de Sam Nicolao, que já hoje estam Martyres gloriozos, como adiante direi, e dous de Sam Francisco, que dizem estam já prezos, e nos os tres da Companhia, que fazem por todos onze, e foram os mais, que em nenhum anno passarão a Japam, depois que esta perseguiçam começou. (Franco, 1719: 157)

Os outros três religiosos que iam a bordo da embarcação não faziam grande segredo da sua presença, de tal forma que alguns japoneses que também ali viajavam facilmente se aperceberam da existência de quatro religiosos a bordo. No entanto, mostraram

solidariedade para com o padre da Companhia de Jesus. Numa das noites da viagem, os japoneses questionam os religiosos em três pontos. São assuntos que ao padre jesuíta agrada ver colocados, pois vêm no fundo pôr em questão a presença no Japão destes religiosos doutras ordens, que o rei castelhano e português, bem como o papa tinham proibido (vd. *supra*). A primeira questão colocada prende-se com o facto de não saberem eles japonês para entenderem e para se fazerem entender. Não sabendo língua nem costumes japoneses, que iam lá fazer, havendo já, no Japão, tantos religiosos que a sabiam, perguntavam, voltando-se para o padre jesuíta e mostrando que o excluía deste rol:

(...) e averem no Japam Religiozos bastantes, que com boas partes, e boa lingua cultivavam os Christãos, e pregavam aos gentios, e nisso se esprayou com varias razões, mais do que os ouvintes quizeram, particularmente quando viram, que virandose pera mim, se declarou dizendo, que em nada fallava comigo, que sabia a língua, e era como Japam, e avia outras rezões, por ser Portugues, que não avia nelles, que eram Castelhanos. (Franco, 1719: 160)

No segundo ponto, referem a proibição do rei Filipe II e do Papa, que, como vimos acima, concediam o exclusivo da actuação no Japão aos jesuítas portugueses:

13 O segundo ponto foi ainda mais largo, porque lhes encareceo a desordem, que faziam, em ir a Japam, contra as ordens do Papa, e de seu Rey, aos quais elles como Christãos, como Religiozos, e vassallos eram obrigados a obedecer (...) (Franco, 1719: 161)

O padre jesuíta não teria colocado estas questões de forma mais pertinente que o orador japonês!

O terceiro ponto punha em questão o martírio que os religiosos procuravam no Japão como título de glória. Esse título deviam procurá-lo mais perto de casa, com os mouros, ou nas Filipinas, argumentavam os viajantes japoneses, pois no Japão, além de se porem eles próprios em perigo, punham também os cristãos locais, e os outros japoneses que com eles convivessem.

As condições da viagem foram as piores possíveis, nada consentâneas com o acordado previamente entre o padre e os chineses. Acondicionado num espaço pequeno, sem ventilação, constantemente molhado e com um cheiro intenso a peles de animais, Sebastião Vieira chama-lhe a sua sepultura.

PADRE SEBASTIÃO VIEIRA, SOB A PALMA DO MARTÍRIO.
A COMPANHIA DE JESUS NO JAPÃO

(...) e quando eu cuidei de achar hum camarote concertado, conforme ao concerto, que tinham feito, me levaram, à proa, e por hum escotilham pequeno deram comigo no poram, e como a carga do navio naquella parte era de couros de veado, foi tal o cheiro, que a entrada me deu, que cuidei de morrer de repente, pello menos me resolvi, que com tal cheiro, e com a muita quentura do lugar, não duraria nelle com vida muitas horas, e mais me resolvi nesta imaginação, quando vi, que os Chinas tapavam o escotilham, e que me não ficava lugar nem por onde respirar.

(...) Dei fe que o lugar no comprimento, e largura era, o em que podia caber hum corpo, a altura era de modo, que me ficava a cabeça dos hombros, pera cima fora do escotilham, se me puzesse em pe. Vi mais, e me resolvi, que parece, que os Chinas me quizeram sepultar vivo naquelle lugar, o qual era mais acomodado pera sepultura de mortos, que pera habitação de vivos. Vi também, que como era na proa, e como nella fazia o navio força, fazia agoa por todas as costuras das taboas, e assim o que meteram dentro comigo, tudo já estava molhado. (Franco, 1719: 158-159)

Hão-de piorar, perto do fim da viagem, quando, graças à proximidade dos japoneses, em terra, e no próprio barco, aonde vinham os pescadores vender o seu peixe, não só o padre Sebastião Vieira, mas todos os religiosos tiveram de se encerrar num espaço tão exíguo que quase os levou à morte. O problema foi que, onde antes coubera, mal, apenas um, agora tinham de se acomodar quatro; sobreviveram a custo.

(...) me meteram a mim em hum dos tanques do navio, que já não levava agoa, tamanho que não podia entrar nelle se não assentado, nem me podia estender, e tapandolhe a boca por cima, cuidei minha morte, e que ali morreria abafado pello aperto do lugar, e pellas grandes calmas, que faziam, por ser o mês de Agosto. Daqui me tiraram quasi morto, quando o navio se levou, que foi depois de tres dias, e porque navegavamos entre ilhas, e surgíamos com as mares, poderia aver semelhantes ocasiões de virem Japões ao navio.

(...) E assim não se dando por satisfeitos do aperto, com que todos aquelles dias viéramos, determinaram, que se alimpasse a minha sepultura, e esgotasse da agoa, que tinha, e pondolhe humas esteiras, entrássemos nella, e estivéssemos ate os Japões hospedes se tornarem. Por lhe não contradizermos em nada, consentimos em tudo.

3 Vindo o tempo nos meteram dentro, e tapando o escotilham, e mal contentes com isso lhe puzeram huns caixões em cima, e em cima dos caixões huns fardos de couro, como se nunca mais dali nos ouvessem de tirar com vida, nos sepultaram vivos naquelle lugar. Com risco estivemos, de não sahir delle, se nosso Senhor nos não guardara pera outra ocasião de maior gloria sua: porque como éramos quatro, o lugar muito estreito, o fogo grande, começamos a abafar, e suar alguns suores de morte, por não aver, por onde respirar, nem nós podíamos abrir debaixo o escotilhão, por mais diligencias, que pera isso fizemos, pello grande peso, que tinha em cima.

4 Desmayou hum dos Religiozos de São Francisco, e eu senti, que me abafava o coração, e fui desmayando, e desmayado cahi nos braços do

outro, que cuidou que eu cahira morto, e com isto o Religioso de S. Domingos, que era mais mancebo, e estava com mais alento, começou a chamar com altas vozes pellos Chinas, e dar grandes punhadas no escotilhão, porque não avia outra cousa, com que as dar, foi Deos servido, que hum China, que passava por sima, acodisse a ellas, e foi tirando os fardos dos couros, e o mais, que lhe deu trabalho, e abrindo o escotilhão, ficou pasmado de ver, quais nós estávamos, porque logo acodiram outros com lux, e agoa, pera nos borrifarem, com a qual, e com o ar, que nos deu, tornamos à vida, os que já estávamos tidos, e julgados sem ella. (Franco, 1719: 165-166)

Se as condições em termos de espaço e acomodações eram más, os viajantes japoneses, o mar e os marinheiros chineses, responsáveis pela embarcação, também dificultaram a viagem aos religiosos. Os viajantes japoneses, assustados por viajarem com pessoas interditas de entrar no Japão e receosos das consequências que, para eles, tal situação poderia acarretar, decidiram desembarcar os religiosos na Ilha Formosa, assim que a encontrassem, *que era o que julgavam por mais acertado, e seguro pera todos* (Franco, 1719: p. 162). Porém, após a tempestade que se levantou e a todos colocou em perigo de vida e grande aflição, aqueles compadeceram-se dos religiosos e passaram a tratá-los com mais consideração, proporcionando-lhes mesmo mais conforto e agasalho. Fora tamanha a tempestade que todos pensaram ver chegar a sua última hora; rezaram, confessaram os seus pecados:

E vendo já a perdiçam, nos confessamos, e aparelhamos pera morrer, já que o Senhor assim era servido, e hum dos Religiosos se despio, pera se deitar ao mar, e o fizera, se eu não pegara nelle, e lhe não dissiera, que no naufrágio o mais seguro era sempre, ficar no navio. Aquietouse, mas assim despido, e mal composto, que depois o pagou bem penetrado de frio, eu me confessei também, mas no coração não me persuadia, que alli acabava, ainda que estava aparelhado pêra tudo, conforme com a Divina vontade.

4 Com huma pancada do navio cuidaram todos, que tudo já estava acabado, e assim foi a grita, e os Japões vieram gritando, Padre da Companhia, Padre da Companhia, salvainos, salvejam, confessaramse os cahidos, e os mais todos (...) (Franco, 1719: 163)

Quanto aos chineses, interessados nos bens dos japoneses, tinham a secreta intenção de regressar à China, ficar com a mercadoria daqueles e matá-los todos, inclusivamente os religiosos. Quando os japoneses souberam desta intenção, resolveram tomar conta do navio.

Desembarcados do barco chinês, os religiosos prosseguem viagem numa pequena embarcação japonesa e chegam finalmente ao Japão. Ali, debilitado pelas más condições da viagem e pela fraca

alimentação⁶, cai doente a ponto de pensar que tinha chegada a hora da sua morte. E apesar de receber propostas de agasalho por parte de vários cristãos japoneses, para poder recuperar, o dever de obediência levou-o para as simples instalações da Companhia, para junto do seu Superior, onde recobrou forças suficientes para dar continuidade a um projecto já iniciado de fundação de um colégio da Companhia, deslocando-se aos arredores de Nagazaqui:

10 E também muito fraco de forças, com pouca saúde, cauzado tudo da viagem passada, e poucos dias depois de chegar estando em caza de hum pobre Christam, aonde o mais esforçado remédio era canja de arroz, me senti totalmente desfallecer, e ficar de todo sem forças com o pulso intercadente, prometendome poucas horas de vida.

(...) Por me acomodar com a ordem de obediência, não aceitei os gazalhados, que de varias partes me ofereceram, e me fui ver com o superior, que também já sabia de mim, recebeome com amor e caridade da Companhia, quanto o lugar, e a pobre cazinha de palha, em que estava, dava de si. De tudo tinha necessidade, porque pasmou, de ver como hia acabado, que julguei, que não poderia mais tornar, ao que fui, quando ficasse com vida; com algumas não sei que mezinhas, com o Xiro conhecido antigo, e cazeiro, e com a caridade, e sancta conversassam do Padre, que foi o tudo, fui melhorando de modo, que elle julgou, que estava eu pera ir aos arrabaldes de Nangazaqui, pera me ver nelles com hum Portugues, que dezejava verse comigo, pera concluir com elle o negocio da fundação deste collegio, ou de outro de Japam, que elle já antigamente tinha começado a tratar comigo (...). (Franco, 1719: 168)

Estes planos não os chegou a concretizar, pois logo de seguida começou a “tormenta”, como designa a perseguição aos religiosos que se intensificou com as denúncias dos marinheiros chineses. Esta perseguição movida aos religiosos levou o Padre Sebastião Vieira a embarcar de novo e a demandar outras paragens onde se pudesse esconder; nas ilhas a que aportava, nem sempre encontrava agasalho dos cristãos japoneses, pois estes receavam represálias das autoridades. Tudo aceitava o padre, com paciência cristã,

⁶A viagem fora dura, não só em termos de acomodações e mau tempo; a alimentação também era escassa:

“6 Desta maneira passei os primeiros dez dias de viagem, sem comer mais que huma laranja cada dia, que era o meu aivio, e hum pequeno biscoito molhado em agoa, que pêra isso meteram comigo na mesma sepultura, como depois lhe chamaram os que a viram. Aqui, com grande calor continuo se me cobrio todo o corpo de burbulhas, e me naceram alguns leicenços de má casta, que me causaram grandes dores, e as burbulhas muita pena.” (Franco, 1719: 159)

considerando que o Senhor do mundo fazendo-se homem não achara lugar em nenhuma das cazas, e estalagens de Belem, pêra nacer, e agazalhar sua Mãe Sanctissima, se fora nacer em huma pobre lapa, que não era muito, que eu, que era hum fraco, e pobre bicho da terra, não achasse entre elles, onde me agazalhar, que não faltaria huma cova em hum mato, aonde me metesse. (Franco, 1719: 172)

Foi finalmente acolhido em casa de um cristão japonês, de nome Paulo, que, juntamente com a mulher e a filha, lhe prestou toda a assistência e agasalho, com risco da própria vida. Mas conhecendo-se também da sua presença em casa de Paulo, de novo teve de fugir, contrariado, pois o seu desejo era cumprir o mais cedo possível, o seu destino; continuou as suas errâncias, no pequeno barco, até ser finalmente preso, circunstância que não é já relatada na sua narrativa, terminada em Fevereiro de 1633. Paulo e a sua família foram também presos e deles se não dá mais notícia.

Morreu o padre Sebastião Vieira como mártir, como era seu mais profundo anseio. Não deixou, no entanto, de ter os seus momentos de desânimo e tristeza, como mostra nesta passagem:

21 Seja o Senhor sempre muito louvado em todas suas criaturas, e de todas ellas, aqui me tem pera qualquer hora, que for servido, e sua Divina Magestade ordenar. Mas creame vossa Reverencia que esta Philosophia de andar assim padecendo, sem ter hum palmo de terra, aonde os pés descansem, nem hum buraco nella, aonde o corpo se meta, que he mui diferente, da que se le nas escolas, e se medita nos cubículos. Vossa Reverência porem com os demais se façam ministros mui aptos, pera virem continuar com estes trabalhos, que os que cá andamos, não podemos durar muito nelles. (Franco, 1719: 186)

O espírito de sacrifício e de coragem com que os missionários faziam as suas viagens para o Oriente, a ousadia de desafiarem todas as proibições e correrem os maiores perigos e contrariedades, que punham em risco a própria vida, complementam o júbilo que o padre Sebastião manifestou no seu reingresso no Japão. É admirável o espírito com que estes religiosos se aventuravam em regiões longínquas e desconhecidas, inóspitas e adversas, com o único fito de divulgar o cristianismo, enfrentar animosamente e procurar mesmo a morte pelas suas crenças.

O Senhor Deos sabe quando ella será (chegada a nossa hora); a minha dezejo, que seja muito sedo, se elle for servido, mas eu entendo, que a não mereço, antes muito desmereço a gloriosa pena do martyrio. (Franco, 1719: 169)

Bibliografia

- Castelo, Cláudia. “1597. O primeiro martírio”. *Oceanos* 15 (Set. 1993): 64-70.
- Costa, João Paulo Oliveira e. “A Coroa portuguesa e o Japão”. *Oceanos* 15 (Set. 1993): 26-33.
- Costa, M. Gonçalves da. *História do Bispado e Diocese de Lamego*, IV. Lamego: 1984.
- Franco, António. *Imagem de virtude em o Noviciado da Companhia de Jesus no Real Colégio de Jesus de Coimbra* (2 vols.). Évora e Coimbra, 1719.
- Leitão, Ana Maria Ramalho Prosérpio. “1623. O afastamento.” *Oceanos* 15 (Set. 1993): 72-88.
- Monteiro, Sandra Amaral. “1582. O apogeu”. *Oceanos* 15 (Set. 1993): 58-63.
- Santos, Paula Ferreira. “1563. Religião e comércio: confluência de interesses?”. *Oceanos* 15 (Set. 1993): 49-56.